

## Capítulo 13

### Presença dominicana no Brasil

MARIANO FORALOSSO, O.P.\*

Neste texto sobre ‘Presença dominicana no Brasil’ o Autor apresenta uma breve síntese de dados históricos sobre a implantação e atuação apostólica da Ordem de São Domingos no Brasil. Numa primeira parte ele mostra como São Domingos entrou no Brasil antes de seus filhos, graças aos Franciscanos e às Confrarias do Rosário dos Pretos. A seguir, descreve as circunstâncias e o ideal missionário que levaram os frades franceses, italianos e malteses a estabelecer sua presença missionária nesta terra, ilustrando também a evolução de sua ação missionária: do interior (Evangelificação dos Índios e atendimento pastoral ao povo do campo) para as grandes cidades. Numa terceira parte, apresenta um quadro sintético da chegada ao Brasil e da atuação missionária de várias Congregações de irmãs dominicanas. No fim, fala

---

\* De origem italiana, religioso sacerdote da Ordem Dominicana, residente no Brasil há mais de trinta anos. Tem Mestrado em Teologia, Doutorado em Ciências Sociais, com especialização em Moral Social e Sociologia da Religião. Desenvolveu sua atividade de ensino no Studium Teológico de Curitiba, Universidade Santo Tomás (Angelicum) de Roma, Escola Dominicana de Teologia —EDT—, Instituto Teológico de São Paulo —Itesp—, Alfonsianum (São Paulo), Instituto Pedro de Córdoba (Santiago de Chile). Áreas de ensino: Moral Social e Doutrina Social da Igreja, Sociologia da Religião, História da Igreja, História da Ordem. Pesquisador de História da Ordem.

sobre o surgimento de numerosas Fraternidades leigas dominicanas e outros grupos de leigos, junto às comunidades dos frades e das irmãs.

## São Domingos no Brasil antes de seus filhos<sup>1</sup>

No que se refere à história da presença dominicana no Brasil, temos um caso curioso: São Domingos veio ao Brasil antes de seus filhos, os membros da Família Dominicana. Isto se deu graças aos Franciscanos e às confrarias de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Ainda hoje podemos ver em muitas das antigas igrejas coloniais dos Franciscanos o binômio iconográfico de São Francisco e São Domingos irmanados na ‘glória do altar’: as imagens dos dois santos, que foram contemporâneos, amigos e companheiros na vivência do ideal evangélico, estão colocadas em lugar de honra no altar mor ou em outro altar, ou pintados no teto da igreja. Um testemunho eloquente, este, da veneração que nossos irmãos, os filhos de São Francisco, sempre tiveram para o nosso fundador.<sup>2</sup>

Outro espaço de presença de São Domingos no Brasil na época colonial é o das confrarias de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Também no Brasil tivemos, até 1888, a praga vergonhosa da escravidão dos negros africanos. Tirados com violência de sua terra e forçados a se tornarem cristãos, os negros escravizados foram levados para

- 
- 1 O presente trabalho foi elaborado no contexto da celebração do Jubileu dos 800 anos da Ordem, como contribuição para o processo de ‘volta às fontes’, com o objetivo de dar a conhecer, sobretudo à nova geração dominicana do Brasil, as circunstâncias e o ideal missionário que inspiraram tantos filhos e filhas de São Domingos a deixarem sua pátria para ser missionários no Brasil. Parte deste trabalho foi apresentado no Segundo Congresso Internacional de História da Ordem dos Pregadores na América (Bogotá, Colômbia, abril de 2016). Ele representa um primeiro esboço de uma história maior da presença dominicana no Brasil que sonhamos poder escrever o quanto antes.
  - 2 Não existe ainda um estudo específico sobre este tema da presença de São Domingos na iconografia do Brasil colonial, nas igrejas franciscanas e outras. Indicamos aqui algumas publicações referentes aos Franciscanos e à arte do barroco colonial no Brasil (Bari, 1975; Bazin, 1983; Lyra, 1978).

o duro trabalho das minas e das fazendas de açúcar e café, ou utilizados como mão de obra gratuita nos serviços mais humildes dos centros urbanos e das casas dos senhores brancos. Nesta situação desumana, eles foram assimilando aos poucos os valores e modelos de vida da cristandade colonial. Como grupo étnico e social distinto, eles adotaram para si a devoção a Nossa Senhora do Rosário, constituindo confrarias de devoção, construindo suas igrejas, celebrando suas festas e tudo mais. Em muitos casos a, imagem de Nossa Senhora do Rosário comportou também a representação de São Domingos recebendo dela o Santo Rosário. A praga da escravidão determinou assim, curiosamente, a presença de nosso fundador em terra brasileira desde os primeiros tempos da colônia portuguesa.<sup>3</sup>

## A Ordem Terceira Leiga em Salvador da Bahia a partir de 1723

Outro caso interessante da presença de São Domingos no Brasil está ligado à instituição de uma Ordem Terceira Leiga em Salvador (Bahia) a partir de 1723.<sup>4</sup> Alguns leigos portugueses, talvez já ligados à Ordem em Portugal, se fixaram no Brasil no começo do século XVIII e em 1723 constituíram em Salvador uma Ordem Terceira de São Domingos. Eles foram assessorados para isso por um frade dominicano português de passagem naquela cidade.<sup>5</sup> Esta Ordem Terceira conheceu um grande florescimento, construiu para si uma esplêndida igreja em estilo barroco intitulada a São Domingos e uma casa de reuniões, tendo muita

---

3 Sobre as Confrarias de N. S. do Rosário dos Negros no Brasil, ver Scarano, 1976; Taynar, 2001; Reginaldo, 2009.

4 Sobre a origem e desenvolvimento histórico da Ordem Terceira Dominicana de Salvador, ver (Vidal, 1979), com ampla resenha de fontes de arquivo; também: (Cardozo, 1947, 20 ss).

5 O dominicano português que ajudou na instituição da Ordem Terceira de São Domingos em Salvador no ano de 1723 foi frei Gabriel Batista. Ele era missionário na Índia e, de passagem, permaneceu por alguns meses em Salvador (Ver: Camargo, 1979, p. 9).

influência na vida da cidade de Salvador. Esta Ordem Terceira viveu por séculos sem poder contar com a assistência espiritual dos frades da Ordem e, apesar disso, continua viva até hoje, sob os cuidados de um padre secular nomeado pelo arcebispo da diocese. Ela constitui, de fato, a primeira presença estável da Família Dominicana no Brasil. Os frades e as irmãs da Ordem chegaram nesta terra mais de um século e meio depois, a partir de 1881. Podemos, então, afirmar que a Ordem Terceira de Salvador representa um caso bem interessante de autonomia e protagonismo dos leigos dominicanos.

## A missão dos dominicanos da Província de Toulouse no interior do Brasil

Nas regiões da América hispânica, a Ordem esteve presente desde o começo da conquista e colonização espanhola, a partir de 1510. O projeto de missão no Brasil ficou confiado aos Dominicanos da Província de Portugal, conforme a divisão do ‘novo mundo’ entre Espanha e Portugal estabelecida no Tratado de Tordesilhas. Os portugueses, porém, se orientaram exclusivamente para o trabalho missionário no Extremo Oriente e nunca se estabeleceram na ‘Terra de Santa Cruz’.<sup>6</sup>

Foram os Dominicanos da Província de Toulouse a fundar a primeira missão estável da Ordem no país.<sup>7</sup> A iniciativa desta fundação

---

6 Merece lembrar que na época do Brasil colonial vários dominicanos portugueses foram nomeados bispos de dioceses brasileiras. Entre eles: frei Emanuel Pereira (Rio de Janeiro, 1676); frei Miguel de Bulhoes (Belém do Pará, 1749-1759); frei Domingos Pontevel (Mariana, 1779-1783); frei Tomas de Noronha (Olinda, Pernambuco, 1825-1839).

7 Para um quadro de conjunto sobre a presença dominicana no Brasil, temos, até agora, o belo trabalho publicado pelo frei Venturino Alce (1987), na ocasião dos cinquenta anos da missão brasileira dos frades de Bolonha (Itália). Na primeira parte deste estudo, encontramos também uma apresentação da missão brasileira dos dominicanos da Província de Toulouse, desde o começo (1881) até os anos 1980 (Alce, 1987, pp. 9-35). Sobre a missão tolosana, ver também: Azzi (1977) e Lustosa (1981); este autor fala somente dos dominicanos de origem francesa, ignorando por completo a presença dos outros: italianos, malteses, etc.; Dos Santos, 1996.

francesa no Brasil está ligada a um jovem seminarista brasileiro, Vicente Tomás de Melo, que, estudando em Roma, conheceu a doutrina de Santo Tomás e se fez frade dominicano em 1873, como filho da Província de Toulouse. Ele conseguiu sensibilizar os confrades para a perspectiva de se abrir uma frente missionária do Brasil.<sup>8</sup>

Parece que não foi fácil conseguir do governo brasileiro o visto de entrada para os Dominicanos. Uma tradição curiosa informa que o imperador dom Pedro II não queria os ‘frades da Inquisição’ no território do seu império. Explicaram, porém, a ele que não se tratava dos antigos frades da Inquisição, mas dos ‘novos’ Dominicanos instituídos por Lacordaire na França. Lacordaire era conhecido pelas suas posições liberais e pela sua abertura ao novo dos novos tempos. Com este argumento, o imperador ficou satisfeito e assinou o visto de entrada.<sup>9</sup> Em 1878, dois frades da Província de Toulouse chegaram ao Rio de Janeiro, mas a iniciativa fracassou logo: um deles morreu de febre amarela e o outro voltou para a França. Em 1880 houve na França mais uma expulsão dos religiosos. Todos tiveram de deixar o país. A comunidade de Saint Maximin, que acolhia o noviciado e estudantado da Província de Toulouse, emigrou em peso para o convento de Salamanca, na Espanha.

Esta circunstância representou uma nova oportunidade para a abertura de uma missão no Brasil. Convidados pelo bispo de Goiás Dom Claudio J. Gonçalves Ponce de Leão, três frades chegaram ao Brasil em 1881. Eram eles os sacerdotes frei Raimundo de Madré, Lázaro Melizan e o irmão cooperador Gabriel Mole. Fundaram uma primeira casa em Uberaba, Minas Gerais, como base estratégica para a expansão missionária nas regiões centrais do Brasil. Numa segunda etapa, eles fundaram o convento de Goiás Velho. Esta cidade era a capital do Estado de Goiás e se encontrava numa região mais próxima aos

---

8 No Arquivo da Ordem em Roma, conservaram-se algumas cartas que frei Vicente Tomás de Mello escreveu ao Mestre da Ordem da época, que falavam da fundação de uma missão da Ordem no Brasil, em (AGOP, XIII, 30692).

9 Sobre este curioso episódio, ver: Dos Santos (1996, p. 25).

Índios que viviam ao longo dos rios Araguaia e Tocantins. De fato, o objetivo primeiro da missão tolosana era a evangelização dos Índios.

Em 1885, chegaram da França as irmãs dominicanas de Monteils que se instalaram na cidade de Uberaba, fundando um colégio para meninas e colaborando de muitas maneiras com a missão dos frades. Mais tarde, várias outras Congregações vieram ao Brasil, criando colégios e centros de pastoral e trabalhando em profunda união e colaboração com os frades.

Em 1886, foi fundado o convento de Porto Nacional, 900 km mais ao norte de Goiás Velho, como ponto de apoio mais avançado para a ação missionária no sertão e junto aos Índios. Frei Gil de Vilanova fundou em 1897 o centro missionário de Conceição do Araguaia (hoje cidade com o mesmo nome) com o objetivo de facilitar o contato e a evangelização das numerosas tribos de Índios do Araguaia. As irmãs de Monteils construíram em Conceição um colégio para a educação da juventude feminina. Em 1906, foi fundado mais um centro missionário em Formosa, também no Estado de Goiás.

Em 1911, a Santa Sé instituiu a prelazia de Conceição do Araguaia, tendo como primeiro prelado frei Dom Domingos Carrerot. Em 1915, foi criada a diocese de Porto Nacional, e dom Domingos Carrerot foi transferido como primeiro bispo desta diocese. Para a prelazia de Conceição do Araguaia, foi nomeado frei dom Sebastião Tomás.<sup>10</sup> Como já lembramos antes, o objetivo primeiro da missão dos franceses era

---

10 Existe uma rica documentação de arquivo sobre a missão dos dominicanos de Toulouse, como também de Bolonha e de Malta, no Arquivo central da Ordem em Roma (AGOP), no arquivo da Província de Toulouse, no arquivo da Província de Bolonha, no da Província de Malta e no da nova Província 'frei Bartolomeu de Las Casas' do Brasil. Toda essa documentação está esperando o historiador de boa vontade que consiga compor uma história desse magnífico capítulo da atividade missionária da Ordem em época moderna. As abundantes notas de rodapé do trabalho de Alce, (1987) permitem-nos entrever o quanto teria para descobrir. Sobre o tipo de missionários franceses que trabalharam Brasil, ver: Dos Santos (1996, pp. 33-61). Sobre o contexto histórico em que aconteceu a primeira missão dos tolosanos e sobre a mentalidade e metodologia missionária deles ver a boa síntese de Dos Santos (1996, p. 63 e ss). Temos publicadas em português e francês várias obras, em geral memórias pessoais ou biografias de missionários dominicanos franceses que trabalharam no Brasil. Alguns exemplos desta produção de memória: (Gallais, 1893, 1942; Tapie, 1921, 1926; Tournier, 1942; Audrin, 1963, 2007, 2009; Palha, s. d.).

a evangelização dos Índios que viviam ao longo dos rios Araguaia e Tocantins. Foi inevitável se ocupar também do serviço pastoral ao povo católico espalhado pelo imenso sertão da região central do Brasil. O método escolhido foi o de contatos e visitas de evangelização nas aldeias dos Índios, e do atendimento pastoral itinerante ao povo do sertão, com a visita anual às comunidades (desobrigas), fazendo pregação, catequese e administração dos sacramentos. Estas visitas foram realizadas muitas vezes na forma clássica das ‘missões populares’, como momentos fortes de pregação e sacramentalização (batizados, confissões, casamentos, etc.) do povo cristão espalhado pelo sertão. A diferença de outras Ordens e Congregações que vieram nestas regiões, os Dominicanos franceses não assumiram o serviço estável das paróquias, espalhando os frades pelo interior. Os religiosos teriam de viver reunidos em comunidade e se deslocavam só periodicamente para esta missão itinerante. A vida comunitária, as observâncias regulares com a vida coral eram consideradas elementos essenciais da vida dos missionários dominicanos e nunca eles abriram mão disso. As igrejas dos frades em Uberaba, Goiás, Porto, Formosa funcionavam conforme o esquema clássico da ‘igreja conventual’ trazido da Europa. Nelas se faziam a pregação e as celebrações eucarísticas, atendia-se às confissões, promoviam-se as devoções próprias da Ordem, sobretudo a Confraria do Rosário, etc.

Esta metodologia frustrou com certeza a expectativa do bispo de Goiás, que pensava de ter conseguido a mão de obra necessária para resolver o problema do atendimento pastoral às numerosas paróquias e capelas esparsas no imenso território de sua diocese. Não faltaram episódios de conflito entre os frades e o bispo por causa disso. Também não foi fácil para os frades se manterem fieis às exigências da vida regular própria da Ordem, trazida da Europa. Um exemplo foi o uso obrigatório de roupas de lã, também em contato com a pele, e da capa de lã entre a festa de todos os Santos e a Páscoa: no hemisfério Sul aquele período coincide com os calores ‘infernais’ do verão, e o uso de roupa de lã naquele clima foi um verdadeiro martírio para os nossos missionários. Num relatório do provincial de Toulouse ao Mestre da Ordem em data de 08 de junho de 1882, encontramos a seguinte informação: “O R. P, Madré, vigário do nosso novo convento

de Uberaba no Brasil, me faz observar que o uso da capa no coro, da festa de todos os Santos até a Páscoa, coincide no Brasil com os meses mais quentes do ano e me pergunta o que pode fazer [...] O padre faz observação análoga pelo que se refere às normas do jejum”.<sup>11</sup> O critério da inculturação dos valores e dos meios de nossa vida dominicana estava ainda longe de ser reconhecido. Os superiores franceses que periodicamente visitavam a missão não faltavam de chamar a atenção sobre esta fidelidade à vida conventual e às regulares observâncias e pareciam totalmente cegos ante as difíceis condições de clima em que viviam os confrades missionários.

A missão entre os Índios mereceria uma exposição e avaliação a parte, que os limites estabelecidos para este trabalho não permitem de fazer. Como indicado acima (nota 9) e na bibliografia final, vários dos antigos missionários dominicanos publicaram belas memórias sobre seu trabalho junto aos Índios do Araguaia e do Tocantins.

## A nova missão nas grandes cidades

A partir do final da década de 1920, o Brasil entrou num processo de rápida transformação social e econômica, marcado pelo fenômeno da urbanização, com o êxodo da população dos campos e o rápido crescimento de centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, etc. Neste contexto, registra-se o apelo de vários bispos para que também os Dominicanos se fizessem presentes neste novo campo de apostolado dos centros urbanos em rápida expansão. A Igreja esperava dos Dominicanos uma contribuição eficaz para o diálogo com o mundo intelectual e universitário e a cristianização da cultura. Os

---

11 Fonte em AGOP, XIII, 36092. Texto transcrito em (Alce, 1987, p. 13) Um caso análogo encontramos numa carta de 1906 do vigário provincial do Brasil ao provincial de Toulouse frei Gallais sobre as normas do jejum e da abstenção das carnes: “Em Conceição do Araguaia é impossível praticar as normas do Estatuto da Missão sobre a observância do magro, porque naquele lugar não existem os alimentos para a observância do magro”. (Ver em AGOP, XIII, 022025, texto transcrito em Alce, 1987, p. 13).

Dominicanos franceses responderam a este apelo. Registramos assim, a partir da década de 1930, o surgimento dos novos conventos de Rio de Janeiro (1927), São Paulo (1937), Belo Horizonte (1941) e de outros mais tarde. A fronteira prioritária da missão francesa no Brasil será, a partir de agora, a das grandes cidades do sudeste do país.

Por causa desta nova opção de apostolado urbano, devido à escassez de frades, aos poucos os franceses foram abandonando várias das posições que tinham no interior do país: a estação missionária de Formosa foi entregue aos padres dos Sagrados Corações, e o convento de Porto Nacional foi entregue à diocese, que tinha como bispo o dominicano dom Alano de Noday. Em 1938, o convento de Goiás foi entregue aos Dominicanos italianos, recém-chegados ao Brasil. Os franceses mantiveram para si o centro de catequese para os Índios em Conceição do Araguaia, e em 1940, criaram uma nova presença em Marabá, ainda mais ao norte, em plena região amazônica.

A segunda guerra mundial determinou o corte quase total dos contatos da Vice-província brasileira com a França. Entre outro, não foi mais possível enviar para os estudos na França os jovens em formação. Foi organizado o noviciado em Uberaba e o estudantado de filosofia e teologia em São Paulo, na casa recém-construída de Perdizes, que, em 1943, tornou-se o convento ‘Santo Alberto Magno’.

Em 1952, no dia 07 de março, foi fundada a nova Província Santo Tomas de Aquino, um passo muito importante para a construção de um dominicanismo de ‘sotaque brasileiro’. O território da nova Província era o Brasil todo. As casas dos frades italianos e, mais tarde, dos malteses eram casas existentes no território da nova Província ‘Santo Tomás do Brasil’. As vocações afluíam numerosas, vindas sobretudo dos ambientes da Ação Católica e das universidades, onde vários frades marcavam presença. Com vistas a um incremento ainda maior das vocações, em 1955 foi construída a Escola Apostólica de Juiz de Fora. O florescimento do Studium de filosofia e teologia em São Paulo, dotado de uma boa equipe de professores formados nos grandes centros da Europa, contribuía a dar à presença dominicana um caráter marcante de intelectualidade e de vanguarda. Entre as iniciativas mais significativas do apostolado intelectual e social da nova Província, registramos neste período (década de 1950 e começo de 1960) a atuação da seção

brasileira do Centro ‘Economia e Humanismo’ de padre Lebrét, a atuação em São Paulo do Centro Social Cristo Operário (Unilabor), como significativa experiência de alternativa à polarização antagônica entre capitalismo e comunismo,<sup>12</sup> a Livraria ‘Duas Cidades’, que publicou em português muitos textos da renovação conciliar, sobretudo do pensamento católico francês. Na década de 1960, a sociedade e também a Igreja brasileiras passaram por profundas e rápidas transformações. Para a Igreja, tiveram grande impacto a celebração do Concílio Vaticano II e as Conferências de Medellín e Puebla. A atuação e o prestígio da Ordem foram crescendo cada vez mais neste contexto. Lembramos também os cursos de frei Carlos Josaphat sobre a Doutrina Social da Igreja em São Paulo, com a publicação do semanal ‘Brasil Urgente’, e o encaminhamento do projeto da Faculdade de Teologia, a ser implantada dentro do campus da nova universidade de Brasília.<sup>13</sup>

O golpe militar de 1964 mudou muita coisa. A brutalidade e as injustiças do regime militar engessaram a vida da sociedade brasileira em todas as suas expressões. A resistência contra o regime foi se alastrando, sobretudo nos setores mais conscientes da sociedade, nos ambientes estudantis e intelectuais, lá onde também os Dominicanos marcavam presença. Muitos frades, de maneira especial os jovens em formação, oriundos em sua maioria dos ambientes universitários, entraram em cheio nesta luta. O preço pago pelos Dominicanos do Brasil por causa desta sua atuação contra o regime militar foi muito alto: conventos invadidos, frades encarcerados, telefones grampeados, propaganda difamatória na mídia, etc. Entre outro, o esperançoso projeto da Faculdade de Brasília foi cancelado pelo regime. Neste clima de caça aos ‘terroristas’, vários dos nossos frades, sobretudo entre os mais jovens, foram presos e torturados. Entre eles, destaca-se o heroísmo de frei Tito de Alencar Lima, que amargou dias e noites de tortura e ficou marcado pelo resto da breve existência que lhe sobrou. Preso em 1969, barbaramente torturado, depois libertado e expulso do país, ele

---

12 Sobre a Unilabor, ver (Claro, 2004).

13 Para uma visão de conjunto sobre este período da ‘missão urbana’, ver Alce (1987, pp. 21-35); Lustosa (1981, pp. 147-167); Rocha (1981).

foi acolhido pelos confrades da França, mas não resistiu aos efeitos devastadores das torturas sofridas. No dia 10 de agosto de 1974, seu corpo foi encontrado pendurado a uma árvore perto do convento dominicano de Abreil (la Tourette- Lion). A Família Dominicana e a Igreja no Brasil veneram a memória de frei Tito como de um mártir cristão.<sup>14</sup>

Durante as décadas de 1960 e 1970, a Santa Sé nomeou sete bispos dominicanos, pertencentes às três entidades existentes no Brasil: um sinal eloquente do prestígio e da apreciação da Igreja pelo trabalho que os Dominicanos desenvolviam no país. Neste mesmo período, a Ordem no Brasil viveu com muita intensidade o processo de renovação conciliar. Viveu também, nesse contexto, uma grave crise de valores. Quase um terço dos frades da Província Santo Tomás deixaram a Ordem, inclusive dois provinciais. O recrutamento vocacional foi interrompido por vários anos, na espera de conseguir maior clareza de valores e novas perspectivas de ação. A retomada da ‘normalidade’ foi lenta e difícil. Tornou-se cada vez mais necessário pensar na unificação das forças, estreitando laços de colaboração com as outras duas entidades dominicanas que atuavam no território brasileiro: o Vicariato ‘Santa Catarina de Sena’ dos italianos e o Vicariato ‘São Martinho de Lima’ dos malteses. Vamos agora tratar um pouco destas duas fundações dominicanas.

## A missão dos Dominicanos italianos

A missão brasileira dos Dominicanos da Província ‘Utriusque ‘Lombardiae’ (Bologna- Itália) começou a partir de 1936, por iniciativa de frei Domingos Acerbi.<sup>15</sup> Este eminente religioso, que mais tarde será

---

14 Sobre a repressão dos militares contra a Igreja e a Ordem, a bibliografia já é muito ampla. Sobre a prisão e tortura dos dominicanos, ver Betto (1982).

15 Sobre a fundação italiana, ver Alce (1987, p. 36, ss). O autor, baseado numa sólida documentação de primeira mão, reconstrói a história da missão italiana e focaliza a atuação de pessoas marcante como frei dom Cândido Penso OP, bispo de Goiás, e o trabalho dos missionários italianos no sertão, junto aos Índios e depois nas cidades. Este estudo de Alce representa, até agora, a referência histórica mais completa sobre a missão italiana no Brasil.

provincial por quatro vezes, desde os primeiros tempos de sua entrada na Ordem cultivava no coração o sonho de trabalhar nas missões, para a conversão dos ‘infieis’. A sua orientação inicial era de ir para a Índia. Em vista disso estudou, medicina tropical em Parma e foi se aperfeiçoando na língua inglesa em Oxford. Devido às poucas forças de que a Província dispunha naquele tempo, a obediência lhe pediu de adiar a realização do sonho missionário e foi nomeado mestre dos estudantes em Bologna.

No dia 08 de abril de 1936, passou em Bolonha o bispo brasileiro de Botucatu (São Paulo), dom Carlos Duarte Costa. Este bispo, que mais tarde se separará de Roma e fundará a Igreja Católica Brasileira, tinha estudado na Escola Apostólica dos Dominicanos de Uberaba. Durante a visita, ele teve uma conversa com o sacristão da igreja de São Domingos, o irmão cooperador frei Simão Dorvi, ao qual expressou o desejo de ter a presença da Ordem na sua diocese. Frei Simão apresentou-lhe frei Domingos Acerbi e, desse colóquio, nasceu a ideia de uma fundação da Província de Bolonha no Brasil. O projeto foi aceito pelo Conselho de Província e, no dia 02 de setembro de 1936, frei Domingos, junto com mais três confrades, chegou ao Brasil.

Também para os missionários italianos o objetivo prioritário era a evangelização dos ‘infieis’. Tratava-se da evangelização dos Índios que viviam no interior do país. A estratégia para a nova fundação foi a seguinte: primeiro se instalar numa região de imigração italiana, no interior do Estado São Paulo, para conseguir apoio econômico e vocações para o desenvolvimento do projeto; num segundo momento, partir para a evangelização dos ‘infieis’. Tudo aconteceu conforme o previsto. A primeira fundação se deu em Santa Cruz do Rio Pardo, no interior do Estado de São Paulo. Aqui os frades italianos assumiram o serviço pastoral na paróquia da cidade e nas numerosas capelas da região. Para acolher as ‘vocações’ que logo começaram a aparecer, foi construída uma grande Escola Apostólica.

Era a época —década de 1930— em que os frades franceses, respondendo ao apelo dos bispos, começavam a deixar suas posições missionárias da região central do Brasil para fundar novos conventos nas grandes cidades. Foi neste contexto de ‘êxodo’ do interior que, em 1938, os frades franceses entregaram aos italianos o convento de

Goiás, com a missão do atendimento pastoral ao povo do interior e da evangelização dos Índios que viviam ao longo dos rios Araguaia e Tocantins. O sonho missionário de frei Domingos Acerbi começou, assim, a se concretizar. O envio de numerosos colaboradores por parte da província de Bolonha permitiu o desenvolvimento rápido dos projetos da nova missão.

Em 1939, frei Domingos Acerbi foi eleito provincial e, com muito pesar, foi obrigado a deixar o amado Brasil. Mas isto também foi providencial porque, como superior maior, ele pôde garantir todo o apoio de que a nova missão estava precisando. No mesmo ano, a Santa Sé instituiu a nova ‘Prelatura nullius’ de Santa Ana do Bananal, tendo como território a região ao norte da cidade de Goiás, entre os rios Araguaia e Tocantins, onde viviam numerosas tribos de Índios. Como primeiro administrador Apostólico na nova Prelazia foi nomeado frei dom Candido Penso, recém-chegado ao Brasil. A missão ‘apud infideles’ dos italianos encontrava assim pleno apoio institucional por parte da Santa Sé. Em 1956, dentro de um processo de reorganização territorial da Igreja no Centro do Brasil, foi instituída a nova diocese de Goiás e, como primeiro bispo, foi nomeado o próprio dom Candido Penso.<sup>16</sup>

Durante a segunda guerra mundial, os contatos da missão brasileira com a Itália ficaram quase totalmente cortados. Logo depois do fim da guerra, a Província enviou para o Brasil mais seis frades recém-formados. A Escola Apostólica de Santa Cruz começava a dar seus primeiros frutos vocacionais e foi encaminhada uma frutuosa colaboração entre os franceses e os italianos para a formação dominicana dos novos candidatos, sobretudo para o ano de noviciado. A partir de 1947, por quase duas décadas, os estudantes brasileiros do Vicariato fizeram seus estudos de filosofia e teologia em Bologna. Vários deles puderam aperfeiçoar seus estudos nos grandes Centros como o Angelicum e a Escola Bíblica de Jerusalém. O reforço para a missão, garantido pelos frades brasileiros que voltavam depois dos estudos em

---

16 Dom Candido Penso, além de religioso e pastor, foi um excelente fotógrafo. Ele deixou um rico acervo de imagens que constituem uma documentação preciosa da realidade do sertão goiano nas décadas de 1940 e 1950. Uma amostra desse precioso acervo fotográfico foi publicada por Orlandini (1996).

Bolonha e por mais frades vindos da Itália, permitiram um considerável desenvolvimento da missão. A partir da década de 1950, também os italianos perceberam a necessidade de se fazer presentes nas grandes cidades em rápida expansão, onde acontecia o ‘novo’. Registramos, de fato, naqueles anos, uma série de novas fundações.

Em 1955, em Curitiba, capital do Estado do Paraná, foi constituída uma nova comunidade a serviço da nova paróquia de Santo Antônio, numa região periférica da cidade. O projeto missionário era de colaborar com a Igreja local na criação da comunidade cristã onde estava nascendo o ‘novo’ do êxodo urbano e ainda nada existia. Esse projeto plenamente ‘missionário’ de se criar novas comunidades cristãs inspirou também as demais fundações.

Em 1961, em Goiânia, nova capital do Estado de Goiás, completa-se o processo de fundação de um novo convento do Vicariato, depois de mais de cinco anos de preparação. Esta fundação se deve, de maneira especial, ao trabalho de frei Nazareno Confaloni. Ele era filho da Província de São Marcos (Itália), foi pintor de renome e fundou a Faculdade de Belas Artes na Universidade de Goiânia. Com a venda de seus quadros e os ganhos de seus trabalhos artísticos ele conseguiu financiar a construção da igreja e do convento. Aqui também a fundação ‘missionária’ consistiu na criação da nova comunidade paroquial São Judas Tadeu, numa região periférica da nova cidade em rápida expansão.

A partir de 1957, começa o não fácil processo da fundação de uma casa do Vicariato na cidade de São Paulo. A nova fundação se concretizou em 1965, no Jardim da Saúde, região sul da cidade. A presença dos italianos em São Paulo estava programada desde o começo da missão deles no Brasil, mas o projeto foi sistematicamente barrado pelos franceses. Esta nova comunidade dominicana tinha como compromisso missionário prioritário a criação da nova paróquia da Sagrada Família. Ela se tornou logo ponto de apoio estratégico para a vida do Vicariato, e mais tarde também casa de formação.

Houve uma tentativa, frustrada, de se fundar uma casa do Vicariato italiano na nova capital do país: Brasília. A repressão do regime militar determinou o fim desse projeto dos frades italianos, assim como aconteceu para o projeto da Faculdade de Teologia dentro do Campus universitário da nova capital do País.

Para a ‘missão’ italiana, as décadas de 1950 a 1970 foram tempo de construir: em Goiás, Goiânia, Curitiba, Santa Cruz e São Paulo. Graças ao apoio da Província mãe e à colaboração generosa do povo, foram construídas as novas igrejas e os novos conventos, tendo em vista o crescimento da ação missionária e pastoral dos religiosos em cada lugar. Graças ao rápido desenvolvimento numérico e qualitativo desta missão, com decreto de 2 de julho de 1969, o Mestre da Ordem instituiu o ‘Vicariato Regional Santa Catarina de Sena do Brasil’. O sonho era de, em breve, poder instituir uma nova Província.

Podemos afirmar que a crise pós-conciliar afetou muito menos o ambiente religioso do Vicariato. Também o regime militar teve efeitos menos devastadores para o Vicariato italiano do que para os frades e os conventos da Província Santo Tomás. Foi afirmado que o grupo italiano, no seu conjunto, era menos ‘revolucionário’. Lembramos, porém, que entre os jovens dominicanos que ficaram presos e foram torturados pelo regime estava presente o jovem estudante italiano frei Giorgio Callegari. Ele ficou preso por mais de um ano. A sua greve de fome de setembro de 1970, com a grande repercussão que teve no exterior, obrigou o governo militar a abrir o processo contra os frades encarcerados. Mais tarde, frei Giorgio foi expulso do país e só pôde voltar de forma clandestina, vivendo por vários anos escondido numa favela da zona sul de São Paulo. Aqui ele criou uma grande obra social, o CEPE, para a acolhida e a formação de menores das favelas de São Paulo e Peruíbe. Esta Obra ainda continua florescente, depois de 13 anos do falecimento de seu fundador.<sup>17</sup>

A vida do Vicariato Santa Catarina se desenvolveu, a partir da década de 1950, marcada pela prioridade do trabalho pastoral nas novas paróquias urbanas. Junto com o serviço pastoral, vários frades atuaram em múltiplas frentes, tais como o ensino nas universidades e nos centros de estudos eclesiais, a pregação itinerante, a formação do clero, dos religiosos e dos leigos, o compromisso com os empobrecidos e marginalizados da cidade e do campo, a organização

---

17 Sobre frei Giorgio Callegari, sua experiência nas prisões da ditadura e sua obra, ver Colella (2012); também a coleção de cartas que frei Giorgio escreveu aos amigos quando estava nas prisões da ditadura: (Callegari, 2013).

e acompanhamento de obras sociais como o CEPE de frei Giorgio Callegari, o Centro Social São José de frei Francisco Pessuto em Santa Cruz do Rio Pardo, a Associação dos artesão do barro de frei Marcos Lacerda em Goiás Velho, etc. Ainda não foi escrita a história da atuação dos bispos dom Candido Penso e dom Celso Pereira e de muitos frades do Vicariato italiano em defesa dos perseguidos políticos, durante o regime militar, e dos posseiros da região central do Brasil, que eram expulsos de suas terras pela violência dos latifundiários e obrigados a emigrar para as favelas das grandes cidades. É uma dívida de verdade e justiça que é urgente pagar.

Outro ponto marcante na vida do Vicariato italiano nas últimas décadas foi o empenho crescente de colaboração, sobretudo no campo da formação, com a Província Santo Tomás e com o Vicariato São Martinho dos Dominicanos malteses, tendo como objetivo a meta da unificação numa única Província. Esta estratégia de integração gradual da nova geração dominicana do Brasil deu certo.

## **A missão dos dominicanos malteses**

Outra presença importante da Ordem no Brasil, a partir dos anos 1950, foi a dos Dominicanos da Província de Malta.<sup>18</sup> Nesta Província, que na Ordem tem o menor território, sempre se cultivou o espírito missionário e a história registra várias iniciativas nesta área, como a da “Catholic Mission” realizada na Índia em 1939-1940 por iniciativa de frei Cajetano Xerri. A Segunda Guerra Mundial impediu sua continuação. Em 1948, o mesmo frei Cajetano Xerri veio ao Brasil e trabalhou por vários anos na Prelazia de Bananal e depois na diocese de Goiás, da qual se tornou também vigário geral. A partir de 1958, vários outros frades malteses vieram para ajudar na Diocese de Goiás, a

---

18 Também sobre a missão brasileira dos dominicanos malteses, ver Alce (1987, pp. 69-72).

pedido do bispo dom Candido Penso.<sup>19</sup> Depois de vários anos de trabalho missionário nesta diocese, os frades malteses emigraram para o Sul, no Estado do Paraná, desejosos de operar num espaço missionário próprio. Com este objetivo, a partir de 1961, eles se estabeleceram em Faxinal e mais tarde em Ponta Grossa, desempenhando o serviço pastoral nas respectivas paróquias. Foi instituído no mesmo ano de 1961 o Vicariato ‘São Martinho de Lima’. Logo em seguida, foi fundada a casa de Londrina, com a paróquia Nossa Senhora do Rosário. A seguir, o desenvolvimento da missão maltesa foi marcado por duas novas fundações, sempre no Estado do Paraná: Matinhos (1968) e Curitiba (1975). O objetivo declarado desta presença missionária dos Dominicanos malteses era de colaborar com a fundação e o crescimento da Igreja, em rápida expansão neste imenso país, sobretudo nas cidades. Nesta perspectiva, o ministério paroquial foi sempre prioritário na missão dos malteses. Em 1976, frei Walter Ebejer, missionário da primeira safra, foi nomeado bispo de União da Vitória.

Depois de 20 anos de presença, os frades malteses se deram conta da necessidade de acolher e formar vocações locais. Para isso, foi construído o convento de formação de Vila Centenário, em Curitiba. As vocações não tardaram a chegar. Para a formação destes candidatos, também os malteses entraram no ‘mutirão’ de colaboração que já estava acontecendo entre o Vicariato italiano e a Província Santo Tomás. Isso determinou um processo fecundo de integração da nova geração dominicana brasileira, criando as condições ideais para a futura unificação das três entidades. Podemos afirmar que os frades malteses contribuíram bastante para esta unificação. Em janeiro de 1998, foi criada a nova província ‘Frei Bartolomeu de Las Casas’ do Brasil. Provincial da Província de Santo Tomás, na época da unificação, era o maltês frei Luis Sapiano. Ele teve um papel fundamental na articulação do processo de criação de uma única Província dominicana no Brasil.

---

19 Um exemplo do trabalho dos malteses no interior de Goiás é o relatado na memória autobiográfica de Dom Walter: (Ebejer, 2008).

## Outras presenças de frades dominicanos no Brasil

Dentro deste quadro de presença missionária e institucional da Ordem no Brasil, é preciso lembrar os vários frades, filhos de outras Províncias, que aqui trabalharam, a título pessoal ou como grupo. Entre eles, lembramos um grupo de frades da província do Canadá, vindos do Japão, que atuaram no Brasil durante e depois da última guerra mundial, esperando que a situação no Japão se normalizasse. Importante também a presença frei Lebret, o conhecido fundador de 'Economie e Humanisme', que, no Brasil, criou uma secção deste importante organismo de análise e ação social. E a atuação de frei Henri Burin des Rozière e frei Jean Raguenés, ex-padres operários franceses: eles trabalharam nas regiões de Tocantins e Pará<sup>20</sup> junto à Pastoral da Terra, em defesa dos direitos humanos do povo oprimido pelas prepotências e injustiças do latifúndio.

## A presença dominicana feminina no Brasil

Além dos frades, vieram para o Brasil de vários países da Europa as monjas do mosteiro de Prouille (França) e irmãs de várias congregações dominicanas. Seria impensável uma história da Ordem neste imenso país se não se fizesse memória também da presença de tantas filhas de São Domingos que, junto com os confrades dominicanos, escreveram páginas maravilhosas de serviço missionário em prol da juventude, dos Índios e do povo empobrecido, no interior e nas periferias das cidades. Elas representam o coração feminino da presença de São Domingos no Brasil. A seguir, vai uma breve memória destas numerosas fundações dominicanas femininas.<sup>21</sup>

---

20 Sobre o trabalho de frei Henri Burin des Rosiers como advogado defensor dos direitos humanos no Norte do Brasil, ver (Burin des Rozières, 2016).

21 Sobre a presença no Brasil do mosteiro Cristo Rei e das várias congregações dominicanas, ver a bela síntese de Alce (1987, pp. 73-88).

## 1930: Monjas dominicanas do mosteiro Cristo Rei das Monjas de São Roque (São Paulo)

Em 1930, um grupo de monjas dominicanas do mosteiro de Prouille (França) veio ao Brasil e fundou um novo mosteiro na cidade de São Paulo. Graças ao apoio do então famoso orador dominicano frei Vicente Moreira, elas conseguiram da família Cintra a doação de uma casa na Rua Bela Contra, bem no centro da cidade. Em 1939, para melhor acolher as numerosas vocações que começaram a aparecer, a comunidade se transferiu num novo mosteiro construído na Vila Formosa, sempre em São Paulo. Devido ao rápido crescimento urbano desta região, em 1970, elas se mudaram mais uma vez, à procura de silêncio e solidão, indispensáveis para sua vida contemplativa. O novo destino, considerado ‘provisório’, foi uma casa de formação das Irmãs da Assunção, no bairro Ibaté da cidade interiorana de São Roque, a uns 60 km de São Paulo. Esse ‘provisório durou mais de trinta anos, até que a comunidade conseguiu construir um novo mosteiro, sempre na cidade de São Roque. Aqui elas agora residem e desenvolvem a sua missão de monjas contemplativas pregadoras.

Na história desta comunidade monástica, registramos a presença da monja ‘Curupira’ (Irmã Maria Imaculada Conceição Aparecida): filha dos Índios Carajás do Araguaia, ainda criança, perdeu os pais e foi adotada por uma família brasileira que a levou consigo no Rio de Janeiro. Quando jovem, ela conheceu as monjas dominicanas na Vila Formosa em São Paulo e decidiu consagrar totalmente sua vida a Deus na vida contemplativa dominicana. Ao longo de sua trajetória monástica, Curupira vivenciou uma profunda espiritualidade contemplativa, como autêntica filha de São Domingos. Uma biografia e parte de seus escritos foram publicados depois de sua morte (Monjas Dominicanas de São Roque, 1983; Aparecida, 1985).

Registramos também várias tentativas das monjas de São Roque para fundar novos mosteiros no Brasil. Tentativas que, infelizmente, não tiveram sucesso. Em 1963, apresentou-se a possibilidade de uma fundação em Vitória da Conquista (Bahia). Foram enviadas umas monjas e, com a ajuda das autoridades locais e do povo, foi construído o novo mosteiro. Várias dificuldades, como o clima desfavorável e as

grandes distâncias, levaram ao fechamento, em 1981, desta promissora fundação. Também em Poços de Caldas (Minas Gerais) o projeto do novo mosteiro ‘Rainha da Paz’ não deu certo.

### **1885: Dominicanas de Monteils (França)**

Esta Congregação de irmãs dominicanas chegou ao Brasil em 1885, a pedido e com o apoio dos próprios frades, já presentes no país desde 1881. Sua fundação na França se deve a Madre Anastasie (+1875). Seu objetivo fundacional: cuidar dos meninos pobres e dos doentes nas aldeias do interior. As primeiras seis irmãs que chegaram ao Brasil se instalaram em Uberaba e aqui fundaram o Colégio Nossa Senhora das Dores, o primeiro da região. Com a chegada de mais irmãs da França e graças ao brotar de numerosas vocações brasileiras, as irmãs de Monteils se espalharam logo nas regiões no Centro e Norte do Brasil, fundando pontos de missão e colégios em Goiás, Conceição do Araguaia, Porto Nacional, Marabá, Belém. Sua atuação missionária foi fundamental para a evangelização destas regiões e a fundação e fortalecimento das Igrejas locais. A partir dos anos 1930, seguindo o caminho dos frades, elas também se estabeleceram nas grandes cidades do Sul do país, fundando casas e colégios em São Paulo, Rio, Curitiba e em outras cidades. Elas chegaram a formar três Províncias no Brasil e realizaram uma grande missão de inserção junto aos empobrecidos das periferias urbanas e do interior.

### **1903: Dominicanas de Sèvres. Hoje: Congregação Romana de São Domingos (França)**

A Congregação das Dominicanas de Sèvres é uma das cinco Congregações francesas que, em 1959, se uniram numa única congregação dominicana conhecida hoje como Congregação Romana de São Domingos. Em 1903, as irmãs desta congregação de Sèvres vieram ao Brasil fugindo da perseguição e atendendo ao pedido do Barão do Rio Branco e do governador de Minas Gerais para fundarem na nova capital do Estado um colégio que garantisse a educação das filhas das elites mineiras conforme

os requintes da cultura francesa, muito ‘na moda’ naquela época. Elas vieram acompanhadas pelo padre Mothon, da Ordem Terceira dos Dominicanos Educadores fundada pelo frei Henri Lacordaire. Com a generosa ajuda do governador e das famílias interessadas, elas fundaram o Colégio Santa Maria em Belo Horizonte. Mais tarde, fundaram também a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ‘Santa Maria’, que representou o primeiro núcleo da futura Universidade Católica (PUC) de Belo Horizonte. Em 1905, fundaram o colégio São Domingos em Poços de Caldas. Alguns anos depois, instituíram no Rio de Janeiro um Centro de formação, mais tarde denominado ‘Mater Ecclesiae’, que oferecia cursos de línguas e de cultura geral e um programa de catequese e canto gregoriano. Na década de 1950, fundaram o colégio ‘Rainha da Paz’ em São Paulo e outro em São Jerônimo, no Rio Grande do Sul. Também criaram a Escola ‘Santa Maria’ em Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Em 1965 foi a fundação da Escola ‘Santa Maria’ em Brasília. A partir da década de 1970, atendendo aos apelos da desafiadora realidade social do país, várias irmãs da nova Congregação Romana de São Domingos partiram para novas inserções junto aos empobrecidos e necessitados, nas cidades e no interior do país. Surgiram assim as novas comunidades ‘inseridas’ de João Monlevade, São Domingos do Prata, Rio Piracicaba, Carneirinhos, Barreiro de Cima e periferia de Poços de Caldas. Todas elas em Minas Gerais. Fundaram também a comunidade de Volta Redonda, no Rio de Janeiro. Particularmente marcante foi a atuação das irmãs ‘Romanas’ em Salto da Divisa (Minas Gerais), onde lutaram por anos junto ao povo dos ribeirinhos para conseguir a indenização devida dos danos provocados pela construção de uma barragem. Depois de muita luta, elas conseguiram a plena satisfação dos direitos dos atingidos pela barragem. Atualmente, apesar de numericamente reduzidas, estas irmãs continuam sua missão em várias frentes de trabalho, no campo da educação e da solidariedade com os empobrecidos.

### **1911: Dominicanas de Santa Catarina de Sena (Portugal)**

Fundadas no ano 1868, em Lisboa, por Teresa de Saldanha com o objetivo de se dedicarem à educação da juventude pobre e abandonada,

estas irmãs chegaram ao Brasil em 1911, devido à expulsão dos religiosos de Portugal. Elas fundaram uma primeira casa em Campinas, assumindo aqui sua primeira obra social no Brasil. A chegada de numerosas irmãs portuguesas expulsas do seu país (mais de 50) permitiu uma rápida difusão da Congregação no Brasil, com a fundação de novas casas em Amparo, Piracicaba e Petrópolis. Logo apareceram numerosas vocações locais e a casa de Amparo foi adaptada como casa de formação. Novas fundações se seguiram em Limeira, Itaquaquecetuba, cidade de São Paulo, Borda da Mata em Minas Gerais, Faxinal, Lupionópolis e Londrina no Paraná, Uruaçu em Goiás, Petrolina em Pernambuco e Dirceu Arcoverde no Piauí. Estas irmãs têm hoje no Brasil uma província autônoma e atuam sobretudo no campo da educação nos colégios, no serviço aos empobrecidos com obras sociais diversificadas e na pastoral junto às paróquias.

### **1937: Dominicanas de Santa Maria Madalena de Spira (Alemanha)**

Esta Congregação surgiu a partir do fechamento de um antigo mosteiro de monjas dominicana da cidade de Spira, na Alemanha. Várias monjas desse mosteiro se organizaram em vida comum, assumindo diferentes serviços sociais, de maneira especial a educação dos menores pobres e abandonados da cidade. Elas acabaram fundando uma nova congregação dominicana. Em 1937, fugindo da ditadura nazista de Hitler, as irmãs de Santa Maria Madalena aceitaram o convite do bispo dom Henrique Ritter, de Cruzeiro do Sul no Acre. Aqui elas ficaram totalmente isoladas da madre-pátria até o fim da Segunda Guerra Mundial. Com muito sacrifício, fundaram o Colégio Santa Therezinha que foi a primeira escola daquela região perdida no meio da floresta amazônica. Novos reforços de irmãs vindas da Alemanha depois da guerra e o surgimento de vocações locais permitiram o desenvolvimento de sua ação educativa e pastoral em Cruzeiro do Sul e nas novas fundações: Porto Walter no Acre (1954), Wenceslau Braz no Paraná (1967), Mâncio Lima no Acre (1976), entre outras. Estas irmãs foram verdadeiras pioneiras da educação e evangelização na ‘fronteira verde’ do Brasil,

mostrando uma coragem e uma determinação que nos deixam admirados. Os frutos de sua missão junto ao povo dos rios da Amazônia e da ‘borracha’ são incalculáveis.

### **1946: Dominicanas da Beata Imelda (Itália)**

Esta Congregação foi fundada em Veneza a partir de 1922 pelo dominicano frei Giocondo Lorgna (+1928). Sua espiritualidade é encetrada no amor à Eucaristia. Seu carisma apostólico originário é de acolher e educar as crianças pobres da cidade de Veneza e das aldeias do interior da Itália. A convite dos frades dominicanos italianos presentes no Brasil desde 1936, elas chegaram ao Brasil em 1946 e se estabeleceram em Santa Cruz do Rio Pardo, trabalhando na cozinha e rouparia do Seminário Menor dos frades e em várias obras sociais da cidade. Tiveram logo um rápido crescimento, devido às muitas vocações que se apresentaram. Foram se multiplicando novas fundações nos estados de São Paulo, Paraná e Goiás com obras várias, na linha da educação, do serviço aos empobrecidos e do atendimento pastoral nas paróquias carentes de atendimento pastoral. Em 1976, foi instituída a nova Província brasileira Nossa Senhora do Rosário. Várias irmãs da Beata Imelda do Brasil trabalham atualmente em terra de missão na África, na Ásia e em outros países da América Latina.<sup>22</sup>

### **1952: Dominicanas do Santo Rosário de Melegnano (Itália)**

Fundadas em Melegnano na Itália na metade do século XIX pelo sacerdote Francisco Fiazza, com o objetivo de acolher e educar as crianças e jovens pobres da região da Lombardia, elas vieram ao Brasil em 1952 a convite do bispo dominicano de Goiás Dom Candido Penso.

---

<sup>22</sup> Sobre a presença das Dominicanas da Beata Imelda no Brasil, ver Zandonaldi e Almeida (2012).

Em Goiás Velho (Goiás), assumiram a direção de um orfanato. Para elas também houve logo um bom florescimento de vocações locais e em breve puderam abrir novas frentes de trabalho em várias cidades do interior goiano: o hospital de Ceres, a Maternidade de Jaraguá, Escola e trabalhos sociais em Uruana, Jussara, Inhumas e Goiandira. Em 1968, fundaram uma nova casa em Goiânia com o objetivo de garantir uma formação melhor para suas vocações. Fundaram também pequenas comunidades de inserção junto aos empobrecidos em várias pequenas cidades do interior goiano e Tocantins: Varjão, Caturai, Nova Aurora, Formoso do Araguaia.

### **1952: Dominicanas de São José de Ilanz (Suíça)**

Fundadas na metade do século XIX por Madre Maria Theresia Gasteier, com o apoio do ex-jesuíta Padre João Fidel Depuoz, tendo como carisma o atendimento e educação dos menores pobres da região de Ilanz na Suíça, esta Congregação se afiliou à Ordem em 1894, durante o governo do Mestre frei Jacinto Cormier. Em 1952, um grupo de irmãs vieram ao Brasil para dar assistência aos muitos emigrantes suíços que deixavam sua pátria fugindo da fome e da pobreza, em busca de melhores condições de vida. Elas se estabeleceram em Itapetininga e fundaram várias outras casas nos estados de São Paulo, Paraná e Piauí. Sua atividade atual consiste na acolhida e educação de crianças pobres e na pastoral paroquial.

### **1964: Dominicanas da Sagrada Família (Holanda)**

Originárias da Holanda, onde foram fundadas na metade do século XIX pelo dominicano Dominicus van Zeeland, pároco de Neerbosch-Nijmegen, estas irmãs vieram ao Brasil em 1964 e começaram a trabalhar junto aos empobrecidos e doentes na cidade de São Paulo, em Resplendor (Minas Gerais), Virginópolis (Minas Gerais) e Poá (São Paulo). Devido a dificuldades da Congregação, no final da década de

1980, elas voltaram para a Holanda e entregaram as obras sociais e pastorais começadas a entidades do lugar.

### **1973: Dominicanas da Anunciata (Espanha)**

Esta congregação foi fundada na metade do século XIX pelo dominicano espanhol São Francisco Coll, tendo como objetivo o atendimento das crianças pobres das aldeias do interior da Catalunha (Espanha) e a educação destas. A congregação está atualmente presente em muitos países da Europa, América Latina, África e Ásia. A fundação brasileira se deu a partir de 1973. Fundaram uma casa no bairro periférico Serano, em Belo Horizonte. Graças ao florescimento de vocações locais, puderam ampliar logo sua presença no país e fundaram mais casas no estado de Minas Gerais: Belo Horizonte, Francisco Sá, Estrela do Sul, Montes Claros, Governador Valadares. A fundação mais recente foi na periferia de Rio Branco, no Acre. Sua presença, normalmente em bairros de periferia, é marcada pelo grande compromisso em defesa dos direitos dos empobrecidos e para a educação das crianças e dos jovens. Destacamos o belo trabalho de Irmã Rosa Font, música de renome na Espanha, que deixou tudo e trabalhou até o fim de sua vida na educação musical das crianças do bairro pobre de Aarão Reis, na periferia de Belo Horizonte.

### **1980: Dominicanas da Apresentação (França e Colômbia)**

Esta grande Congregação dominicana foi fundada na França no final do século XVII por Marie Poussepin com o objetivo de atender aos pobres, às crianças abandonadas e aos idosos e doentes sem assistência. Atualmente, ela está presente em muitos países dos vários continentes. Em 1980, um grupo de irmãs vindas da Colômbia se estabeleceram em Campo Grande (Rio de Janeiro) e começaram um fecundo apostolado junto aos empobrecidos e em vários setores da pastoral paroquial. Em 1983, fundaram uma segunda casa em Itabira (Minas Gerais), dedicando-se aos trabalhos

pastorais e sociais da paróquia. A partir da década de 1990, fundaram novas casas em Alexandria (Rio Grande do Norte), Campina Grande (Paraíba), São José da Mata (Paraíba) e Fortaleza (Ceará). Sua atuação apostólica se caracteriza pelo grande compromisso junto aos empobrecidos das periferias e no serviço pastoral junto às comunidades paroquiais.

## **Outras congregações dominicanas de fundação mais recente**

Nas últimas décadas, várias outras congregações dominicanas plantaram sua tenda em terra brasileira. Devido ao pouco tempo de sua atuação no Brasil, nos limitamos a indicar sua presença deixando a futuros historiadores a tarefa de narrar sua ação no nosso país. Elas são: Dominicanas do Santíssimo Sacramento de Cerignola (Itália), Dominicanas de Cabra (Irlanda), Dominicanas de Santa Catarina de Sena (Argentina), Dominicanas Missionárias de Maryknoll (Estados Unidos), Dominicanas do Santíssimo Nome de Jesus (Tucuman, Argentina), Dominicanas de Santa Rosa de Lima (Peru).

Atualmente, no Brasil, estão presentes 14 congregações de irmãs dominicanas. Sua atuação neste imenso país é muito relevante, de maneira especial no campo da defesa dos direitos humanos, promoção humana, apoio à luta dos empobrecidos contra a injustiça e a miséria. Elas escreveram e continuam protagonizando páginas maravilhosas de autêntico heroísmo missionário.

## **Leigos dominicanos no Brasil: fraternidades, Movimento Juvenil e outros grupos**

Além da antiga Ordem Terceira de Salvador (Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Domingos), que, como já falamos acima, constitui a primeira presença da Família Dominicana neste país (1723), temos atualmente no Brasil 22 fraternidades leigas que vivem e atuam junto às comunidades dos frades e das irmãs, constituindo assim o ramo leigo da presença da Ordem no Brasil. A primeira fraternidade

foi fundada junto à comunidade dos frades em Uberaba em 1882, um ano depois da chegada dos frades. No passado, toda comunidade dos frades contava também com uma Fraternidade de Leigos da ‘Ordem Terceira’. Nas duas últimas décadas, também as irmãs dominicanas costumam promover o surgimento de fraternidades leigas nos lugares onde elas estão atuando. Em alguns casos, devido ao fechamento das comunidades dos frades ou das irmãs, estas fraternidades já constituídas continuam sozinhas sua caminhada de vida e de missão. Este das fraternidades é mais um capítulo da história da presença dominicana no Brasil que ainda não foi escrito como mereceria.

Além das fraternidades, registramos o surgimento recente do Movimento Juvenil Dominicano (MJD-IDYM), que já tem vários grupos espalhados pelo Brasil, reunindo adolescentes e jovens de colégios e paróquias dominicanas. É uma realidade do laicato dominicano ainda muito recente, mas muito promissora.

Depois do Concílio, surgiram no Brasil vários grupos de leigos ligados à Ordem e à sua missão: Grupo solidário São Domingos, leigos do Movimento de Justiça e Paz, Grupo de reflexão frei Tito, articulações de leigos professores e funcionários de colégios das irmãs, entre outros. Os novos meios de comunicação ajudam bastante a vencer as enormes distâncias deste país de proporções continentais, favorecendo contato e comunicação entre os grupos, encontros, colaboração para missões e outras atividades apostólicas de leigos, junto com os demais ramos da família dominicana do Brasil. Neste limiar do terceiro milênio, a família de São Domingos já está bem enraizada no Brasil e continua unida sua missão de pregação do Evangelho.

## Referências

### Fontes primárias

- Arquivo General Ordem de Predicadores, XIII, 30692.
- Arquivo General Ordem de Predicadores, XIII, 36092.
- Arquivo General Ordem de Predicadores, XIII, 022025.

## Fontes secundárias

- Alce, V. (1987). *Storia di una Missione*. Bolonha: Ed. 'I Martedì'.
- Aparecida, M. (1985). *Curupira x Curupira. Autobiografia da Irmã Maria I.C. Aparecida, índia dominicana do Brasil*. São Paulo: Loyola.
- Audrin, J. M. (1963). *Os sertanejos que eu conheci*. Rio de Janeiro: Agir.
- Audrin, J. M. (2007). *Entre Sertanejos e Índios do Norte: o bispo-missionário dom Domingos Carrerot OP*, (2 ed). Rio de Janeiro: Agir.
- Audrin, J. M. (2009). *Souvenirs de un missionnaire au Brésil (1902-1952)*. Marseillhe: La Thune.
- Azzi, R. (1977). A vinda dos Dominicanos ao Brasil durante a época imperial. *Convergência*, 10(108), 620-637.
- Bardi, P. M. (1975). *História da arte brasileira*. São Paulo: Melhoramentos.
- Bazin, G. (1983). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*, Vol. 2. Rio de Janeiro: Record.
- Betto. (1982). *Batismo de sangue: os Dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Burin des Roziers, H. (2016). *Comme une rage de Justice. Entretiens avec Sabine Rousseau*. Paris: Cerf.
- Callegari, G. (2013). *Lettere dal Tiradentes*, Veneza: Ass. Arco Acuto.
- Camargo, M. (1979). *Os Terceiros Dominicanos em Salvador* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador da Bahia, Brasil.
- Cardozo, M. S. (abril, 1947). The Lay Brotherhoods of Colonial Bahia. *The Catholic Historical Review*, 33(1), 12-30.
- Claro, M. (2004). *Unilabor: desenho industrial, arte moderna e autogestão operária*. São Paulo: Senac.
- Colella, U. (2012). *La rabbia e il coraggio: Giorgio Callegari in cammino fra i popoli dell'America Latina*. Veneza: Marcianum Press.
- Dos Santos, E. A. (1996). *Os Dominicanos em Goiás e Tocantins (1881-1930): Fundação e consolidação da missão dominicana no Brasil* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.
- Ebejer, W. M. (2008). *Eu, meu Deus e minha Mula: Missionário no sertão de Goiás (1958-1960)*. Curitiba: Instituto Memoria Editora.

- Gallais, E. (1893). *Une Mission Dominicaine au Brésil*. Marseille: Imprimerie Marseillaise.
- Gallais, E. (1942). *O apóstolo do Araguaia, frei Gil Vilanova, missionário dominicano*. Conceição do Araguaia: Prelazia Dominicana de Conceição do Araguaia.
- Lustosa, O. (1981). Os Dominicanos e a Igreja no Brasil: cem anos de presença. Em *Província Dominicana do Brasil* (Ed.), *Os Dominicanos* (pp. 147-168). São Paulo: Província Dominicana do Brasil.
- Lyra, S. (1978). *São Francisco de Assis no Brasil*. Rio de Janeiro: Olympio.
- Monjas Dominicanas de São Roque (cur.). (1983). *Curupira, a indiazinha brasileira que se casou com o Rei*. São Paulo: Vozes.
- Orlandini, R. (Org.). (1996). *Candido Penso, bispo e fotógrafo*. Goiânia: Líder.
- Palha, L. (s. d.). *Índios do Araguaia: costumes e lendas, coisas vistas e vividas*. Goiânia: Líder.
- Reginaldo, L. (2009). Irmandades e devoções de africanos e crioulos na Bahia setecentista: histórias e experiências atlânticas. *Stokholm Review of Latin America Studies*, 4, pp. 24-34.
- Rocha, M. (1981). A Província dominicana do Brasil: evocações. Em *Os Dominicanos e a Igreja no Brasil* (pp. 169-184). Juiz de Fora: Monjas Beneditinas do Mosteiro de Santa Cruz.
- Scarano, J. (1976). *Devoção e escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII*, Col. Brasileira, 357. São Paulo: Cia Editora Nacional.
- Tapie, M. H. (1921). *Feuilles de route d'un missionnaire*. Montpellier.
- Tapie, M. H. (1926). *Chez les Peaux-Rouges*. Paris: Plon.
- Taynar, C. (2001). Movimento negro de base religiosa: a Irmandade do Rosário dos Pretos. *Caderno CRH*, 34, 165- 179.
- Tournier, R. (1942). *Lá longe no Araguaia*. São Paulo: Prelazia Dominicana de Conceição do Araguaia.
- Zandonaldi, A. e Almeida, A. (2012). *Retalhos de audácia e fé. Presença imeldina no Brasil*. Salto (SP): Schoba.

